

China em África - A política externa como meio de legitimação do Partido Comunista Chinês

Luís Rodrigues

Intern at the State Building and Fragility Monitor

August 2015

As últimas décadas têm sido marcadas pela ascensão sem precedentes da China, a todos os níveis mas principalmente no panorama económico. Neste momento a China é a segunda economia mais poderosa do mundo e existem perspectivas de que possa a breve trecho ultrapassar os Estados Unidos.

O princípio constitucional de "um país, dois sistemas", de Deng Xiaoping, marcou a viragem de uma China maoísta, para uma reestruturação económica profunda. Em suma, um sistema económico misto, em que algumas regiões (especificamente Macau e Hong Kong) manteriam os seus sistemas capitalistas, bem como várias cidades do litoral chinês. Em contrapartida, grande parte do interior chinês continuaria a viver sob princípios socialistas.

Grande parte do sucesso económico da China, além da mão-de-obra abundante e barata e da produção massificada a baixo custo de todo o género de bens, reside na sua política externa. A política externa chinesa, que há décadas estava reduzida apenas a questões regionais, é hoje verdadeiramente global. Para definir esta política externa torna-se útil referir alguns conceitos pelo anterior presidente chinês, Hu Jintao. O primeiro conceito é o de "peaceful rise" (*heping jueqi*, posteriormente modificado para *heping fazhan*, "peaceful development"), e o segundo é o de "harmonious world" (*hexie shijie*). O primeiro conceito procura introduzir a ideia de que apesar de a China ser uma potência em ascensão, o seu crescimento não estará baseado na força militar e em aquisições materiais. O

segundo conceito refere-se à preferência chinesa de paz global e cooperação ao invés de uma política de alianças e do uso da força. Nos últimos anos, têm sido comuns as viagens do presidente e primeiro-ministro chinês a inúmeras regiões do mundo, particularmente zonas em desenvolvimento, de maneira a promover o diálogo, o comércio e a cooperação mútua, uma prática diplomática denominada como uma operação de "*charm offensive*" (*meili gongshi*). (Laintegne: 2009; p. 12)

As interações entre a China e África vão muito para além do século XX e XXI, remontando aos períodos medievais, sendo principalmente questões relacionadas com o comércio. Neste projecto analisaremos principalmente os séculos XX e XXI para caracterizar as relações entre China e África.

No século XX, as relações China-África foram maioritariamente ideológicas, exceptuando a década de 90, onde se verificou uma entrada decisiva em África no plano económico. Durante a era de Mao Zedong, o continente africano tornou-se gradualmente mais importante para a China. Essencialmente como resposta ao afastamento face à União Soviética, previamente assente na ideia de "*leaning to one side*" (*pianxie*), alternando para uma política de "*three worlds*" (*sange shijie*). Pode ser encarado como um reconhecimento da importância dos países em desenvolvimento no panorama económico mundial, os anos 60 do século XX foram também imbuídos pelo "*Bandung Spirit*", como referência às referidas aproximações da China aos países em desenvolvimento, particularmente no continente africano. (Fontaigne, 2009; p. 133)

A morte de Mao e a chegada ao poder de Deng Xiaoping viria arrefecer as relações China-África, que, sendo predominantemente ideológicas, foram perdendo o seu sentido, não só pelo distanciamento chinês em relação à URSS, como pelas reformas económicas levadas a cabo pela China, centrando-se em reconstruir-se como país. Nos anos 90, África entraria de novo no horizonte da China, desta vez no plano económico. Os últimos 20 anos demonstraram que a presença chinesa em

África evoluiu de precária a altamente visível, não só devido à diplomacia comercial chinesa mas também à variedade das trocas comerciais entre os dois países. Incluindo produtos agrícolas/alimentares, matérias-primas, e sobretudo recursos energéticos. Considerando o afastamento chinês ao sector energético do Médio Oriente, o petróleo e o gás africano serão certamente uma prioridade para Pequim. (Fontaigne, 2009; p. 134)

Os anos recentes têm revelado um estreitar de relações sino-africanas, sendo a economia o principal palco de interacção. Este projecto servirá para determinar os impactos da política não só em África mas também no plano chinês. Analisaremos as ramificações económicas, sociais e políticas da grande investida do "dragão" chinês em África, e as consequências que poderá trazer para o continente africano e a potência chinesa.

Por fim, o caso das relações chinesas com África servirá também como um exemplo da ascensão da China e da sua política externa, tendo como base alguns conceitos base da política externa da China, norteados pela não intervenção, pela cooperação, pelas trocas comerciais e pelo multilateralismo.

1. Os interesses políticos da China em África

Os interesses políticos da China em África podem ser enquadrados em quatro padrões: o domínio político, económico, securitário e ideológico.

O interesse político da China em África é dotado de maior longevidade relativamente aos interesses económicos e securitários, e foi-se desenvolvendo em paralelo com o interesse ideológico. Ainda que marcado por várias modificações ao longo das décadas. Desde o início da República Popular da China, os interesses políticos em África tornaram-se numa pedra basilar que sustenta a presença chinesa em África. A lógica da Guerra Fria e do mundo bipolar tornou África num

continente com potencial para alianças, especialmente considerando a grande vaga de países recém-formados ao longo do século XX. Pode-se considerar que existem semelhanças históricas entre África e a China, sendo ambas vítimas da colonização por parte dos "imperialistas e capitalistas", enfrentando os mesmos desafios após a Segunda Guerra Mundial. Sustentando esta premissa, o facto de a China se colocar no espectro socialista, conferiu uma vantagem relativamente à posição neutral da maioria dos Estados africanos relativamente ao bloco capitalista e socialista. A China interpretou a recente independência como uma garantia de que se oporiam a uma nova invasão por parte dos "imperialistas". Sob estes princípios, o primeiro encontro oficial da China com África foi em 1955, na conferência de Bandung. O primeiro-ministro Zhou Enlai tratou de encetar contactos com os líderes de seis países africanos (Egipto, Etiópia, Gana, Libéria, Líbia e Sudão).¹

Os anos seguintes, marcados pela Revolução cultural, levaram a relações mais estreitas entre a China e África. Este período foi também profícuo em projectos económicos, principalmente a nível de caminhos-de-ferro, fulcrais para o estabelecimento de relações diplomáticas com 19 países africanos durante os anos 70. Sendo que na década de 80 este número evoluiu para 44. Em termos de importância política de África, o objectivo principal da China tem sido o estabelecimento de relações diplomáticas com os Estados africanos. Estes laços oficiais fortalecem a legitimidade política do regime comunista na China. Observando os anos 60, período em que a China atacava em "duas direcções", tanto para os Estados Unidos, como para a União Soviética, o apoio dado aos países africanos reduziu drasticamente a pressão internacional sobre a China, imposta

¹ "Premier Zhou Enlai's Three Tours of Asian and African countries" Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China
http://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/ziliao_665539/3602_665543/3604_665547/t18001.shtml
[Acedido em 26 de Junho de 2015]

pela isolamento face às duas grandes potências. Esta afinidade "emocional" entre África e a China tornou-se gradualmente importante na relação entre ambas.²

Em segundo lugar, há que referir o apoio diplomático e a cooperação com os Estados africanos em questões chave na arena internacional e em fóruns multilaterais. Actualmente, os 54 estados africanos totalizam mais de um quarto da contagem de Estados (e votos) na ONU. O apoio africano foi fulcral para a China em várias ocasiões, destaque-se o voto de 26 países africanos, que em 1971, foi decisivo para que a China continuasse no conselho de segurança das Nações Unidas, sendo que a percentagem de votos africana totalizou mais de um terço dos votos a favor. A votação resultou na saída da República da China (Taiwan) do conselho de segurança permanente e da entrada da República Popular da China.³

O apoio africano revelou-se também particularmente importante na questão de Tiananmen, em 1989, face a um crescente isolamento da China relativamente aos países ocidentais, marcado por sanções económicas, foi novamente África que apoiou a China, incluindo declarações públicas de apoio. Algo que se entende pela política chinesa de evitar a crítica de deficiências governamentais e abusos de Direitos Humanos, particularmente nos países Africanos. Levando a que a larga maioria dos governos africanos pratique a reciprocidade relativamente às políticas internas da China.⁴

² Shinn, David H (2011) "The Impact of China's Growing influence in Africa" International Policy Digest

<http://www.internationalpolicydigest.org/2011/07/12/the-impact-of-chinas-growing-influence-in-africa/>
[Acedido em 26 de Junho de 2015]

³ Sithara, Fernando (2007) "Chronology of China-Africa Relations" China Report

<http://www.kdu.ac.lk/departement-of-strategic-studies/images/publications/Chronology%20of%20China-Africa%20Relations.pdf>

[Acedido em 26 de Junho de 2015]

⁴ Shinn, David H (2011) "The Impact of China's Growing influence in Africa" International Policy Digest

<http://www.internationalpolicydigest.org/2011/07/12/the-impact-of-chinas-growing-influence-in-africa/>
[Acedido em 26 de Junho de 2015]

Como um exemplo mais recente da utilidade dos Estados africanos na agenda política chinesa, basta recuar para o ano de 2008, antes dos Jogos Olímpicos de Pequim, a questão do Tibete tornou-se um ponto controverso para a China no Congresso para os Direitos Humanos das Nações Unidas. A anuência dos Estados africanos acabaria por evitar discussões hostis em torno da política chinesa face ao Tibete. Actualmente, África é um aliado precioso da China em questões de Direitos Humanos, em termos de multilateralismo, em particular na ONU, e também no sector económico.

Outra das principais aspirações políticas da China em África é referente a Taiwan, o objectivo é terminar com a presença diplomática de Taiwan no continente africano. Para Pequim, esta medida está relacionada com a legitimação do regime, considerando importante que África adopte a política de "One China", aceitando Pequim ao invés de Taipei como a única representante legítima da China. O conflito entre Pequim e Taipei relativo a laços diplomáticos com países africanos tem já seis décadas. No passado, Taiwan dispunha de um maior fulgor económico face à China, e conseguiu equilibrar a balança. No entanto, os anos recentes trouxeram recursos bastante assinaláveis a Pequim, que gradualmente tem afastado Taipei de África, cujo reconhecimento em África é hoje uma batalha muito difícil de travar.⁵

6

2. Interesses Económicos da China em África

Considerando o ponto anterior, relativo ao interesse político da China em África, surge o debate sobre qual destes dois sectores será prioritário na

⁵ McDonnell, Justin (2013) "The New Scramble" The European Magazine
<http://www.theeuropean-magazine.com/justin-mcdonnell/7726-chinese-influence-in-africa>
[Acedido em 27 de Junho de 2015]

⁶ Von Hein, Mattias (2013) "Taiwan's Diplomatic Charm Offensive" Deutsche Welle
<http://www.dw.de/taiwans-diplomatic-charm-offensive/a-17380254>
[Acedido em 27 de Junho de 2015]

estratégia chinesa para África. No entanto, analisando a questão histórica presente nos interesses políticos da China em África, torna-se evidente que a agenda política prevalece. Sendo um tema constante na estratégia de Pequim para África, é seguro afirmar que independentemente das potencialidades económicas que África possui, o continente estaria sempre inserido estrategicamente na política externa chinesa.

No entanto, existe também o contra-argumento de que apesar do elevado interesse político em África, os interesses económicos actuais da China estão num nível mais elevado do que no início do seu processo de reforma e abertura. Este é um resultado directo da estratégia de Pequim para diversificar e consolidar a sua legitimidade, tentando "provar" o seu desenvolvimento ao cidadão comum.

Para diferenciar as relações económicas entre a China e África, importa tentar dividi-las em três fases. A primeira, entre 1949 e 1979, foi predominantemente marcada pelos interesses políticos da China. Centrou-se principalmente no fornecimento de assistência económica a países africanos recém-independentes, de maneira a recolher apoio diplomático e sustentar a narrativa anticolonialista e anti-imperialista, bem como o aumento do apoio internacional a favor da República Popular da China. A segunda fase pode ser situada após o processo de abertura e reforma, identifica-se entre 1979 e o meio da década de 90. O foco económico da China tornou-se mais centralizado. Resultando num ajuste gradual de prioridades chinesas face a África, deixando de lado questões políticas e apostando em cooperação económica mutuamente benéfica, bem como ao fornecimento de serviços, investimento e comércio. Na década de 90, a ideia de utilizar tanto os recursos domésticos como os mercados e recursos internacionais ganhou destaque na China, tornando-se num aspecto central das políticas económicas, esta filosofia centrou-se na ideia do "Going Out",

que essencialmente reside em incentivos ao investimento de empresas chinesas um pouco por todo o mundo.

África encaixa perfeitamente na política chinesa de "Going Out". Em primeiro lugar, as grandes reservas energéticas africanas, bem como minerais e matérias-primas, são essenciais para o objectivo chinês de aumentar o seu desenvolvimento interno. No início do século XXI, a China tinha acumulado uma vasta reserva energética vinda de fora, mitigando a exaustão dos recursos naturais internos. Em segundo lugar, a já referida colaboração entre África e China nas décadas passadas tornou a parceria mais apetecível, sendo África um parceiro estável relativamente a outras partes do mundo, principalmente considerando a vantagem da Rússia na Ásia Central, a vantagem americana no Médio Oriente e as reservas que o Sudeste Asiático suscita.⁷

Outro dos motivos que tornam África atraente para a China é o seu potencial de mercado. As empresas chinesas de manufactura encontram um mercado bastante receptivo em África, onde podem alocar a sua produção de têxteis, bens electrónicos e outros produtos a baixo custo, integrando-se no que é a procura por parte dos consumidores africanos, própria de países menos desenvolvidos. A importância do mercado africano para a China foi visível durante a crise de 2008 e o efeito nefasto que teve no sector chinês de exportações. Quando a procura por parte das empresas ocidentais escasseou, criou-se a necessidade de recorrer a mercados alternativos para suprir as perdas. A crise internacional poderá ter sido o factor determinante que levou a China a ultrapassar os EUA como principal parceiro comercial de África. Devemos também referir que a ambição chinesa de melhorar a seu complexo industrial e tornar-se ainda mais presente na esfera da "oferta" global, África é vista como muito

⁷ Nash, Paul (2012) "China's Going Out Strategy" Diplomatic Courier
<http://www.diplomaticcourier.com/news/regions/brics/181-china-s-going-out-strategy>
[Acedido em 27 de Junho de 2015]

importante. Principalmente devido à elevada oferta de mão-de-obra, maioritariamente inexplorada, África é vista como o local perfeito para que a China possas deslocalizar as suas empresas de sector primário e secundário, tentando fomentar o desenvolvimento do sector de serviços e indústrias de alta tecnologia, isto numa lógica interna, África torna-se numa sucessora do conceito de "Fábrica do Mundo".⁸

Um dos conceitos frequentemente utilizados pela China na sua relação económica com África é o de "win-win", em que a parceria é mutuamente benéfica para cada lado. Pequim incentiva as empresas governamentais chinesas a operar uma combinação entre ajuda externa, investimento directo, contractos, comércio, cooperação laboral e exportações. Neste sentido, existe uma distorção entre ajuda e investimento. Como exemplo, a ajuda chinesa em termos de infra-estruturas favorece construtores de empresas chinesas, e os empréstimos feitos a países africanos têm como vista obter recursos energéticos em troca. Seja a definição de ajuda ou investimento, os investimentos chineses para África têm uma natureza que pode ser considerada mutuamente benéfica: recursos naturais e um mercado extenso para a China, financiamento e infra-estruturas para África. Neste sentido, está presente um dos aspectos críticos da política chinesa do "Going Out", o investimento em África está claramente direccionado no sentido de obter oportunidades de negócio para empresas chinesas e oportunidades laborais para trabalhadores chineses.⁹

Importa no entanto referir, que apesar de a política económica em África ser alvo de constante escrutínio, usualmente sob acusações de neocolonialismo; ao

⁸ (2012) Africa Research Institute

<http://www.africaresearchinstitute.org/files/briefing-notes/docs/Between-extremes-China-and-Africa-P2E56236DQ.pdf>

[Acedido em 28 de Junho de 2015]

⁹ Sun, Yun (2014) "Africa in China's Foreign Policy" Brookings

<http://www.brookings.edu/research/papers/2014/04/10-africa-china-foreign-policy-sun>

[Acedido em 28 de Junho de 2015]

analisar a parceria sino-africana, verificamos que se trata de apenas mais uma região do mundo na qual a China tem interesses económicos. Algo que não deveria ser surpreendente, considerando a dimensão da economia chinesa. De maneira a melhor enquadrar esta ideia, torna-se importante analisar estes oito importantes dados:¹⁰

«1. By the end of 2009, 45.7 percent of China's cumulative foreign aid of ¥256.29 billion had been given to countries in Africa.

2. China is Africa's largest trading partner, surpassing the United States in 2009.

3. In 2012, China's trade with Africa reached \$198.5 billion, while U.S.-African trade in 2012 was \$99.8 billion.

4. China's trade with Africa is only 5 percent of its global trade total.

5. More than 80 percent of China's \$93.2 billion in imports from Africa in 2011 were crude oil, raw materials and resources.

6. In 2011, China's investment in Africa was 4.3 percent of its global total (Asia represented 60.9 percent, Latin America 16 percent, and Europe 11.1 percent).

7. In 2012, the China Development Bank agreed to provide \$3 billion in loans to Ghana, which was almost 10 percent of Ghana's GDP.

8. South Africa is China's largest trading partner in Africa, at a volume of \$20.2 billion. Yet this is 4 percent of China's trade with the European Union.»

Analisando os dados, é possível concluir que a importância geral de África para Pequim permanece num nível baixo, Sun Yun refere em seguida alguns dos aspectos que poderão futuramente fazer parte da estratégia chinesa em África, referindo alguma inércia chinesa em relação a África, bem como a prioridade chinesa de se desenvolver internamente:

«Meanwhile, the proliferation of China's commercial actors in Africa in recent years has made government supervision and management particularly challenging. Beijing's inability to cope with

¹⁰ Ver: Dews, Fred (2014) "8 Facts About China's investments in Africa" Brookings <http://www.brookings.edu/blogs/brookings-now/posts/2014/05/8-facts-about-china-investment-in-africa> [Acedido em 28 de Junho de 2015]

the rapidly expanding Chinese presence in Africa is exacerbated by the lack of political risk assessment and the absence of a comprehensive commercial strategy for Africa. The resolution of these issues will determine the nature and content of China's future policy toward Africa while exerting critical influence over the future development of the continent.»¹¹

Em suma, ainda que os interesses económicos sejam importantes na estratégia geral da política externa chinesa em África, torna-se simplista considerar a relação entre China e África como uma simples troca de matérias-primas e recursos naturais por financiamento e infra-estruturas. Sendo a China aspirante a uma posição de líder global, qualquer abordagem que se baseie em factores puramente económicos torna-se obsoleta. Ao analisar a política chinesa em África, é relevante abordar aspectos burocráticos da China que influenciam as decisões face a África; do ponto de vista político, económico ou securitário. A estratégia do "Going Out" e a sua influência em África redonda inevitavelmente na legitimação do modelo político do Partido Comunista Chinês, tanto a nível interno como no plano internacional. Pretende reificar a ideia de que a prosperidade económica não é uma prerrogativa das democracias ocidentais liberais, legitimando o modelo simultaneamente autoritário e socialista da China num plano interno (principalmente no interior), e capitalista não-intervencionista no plano externo. O princípio de "um país, dois sistemas" é um dos factores mais constantes da política chinesa, tanto no plano interno como externo.

3. Interesses Securitários da China em África

Considerando a distância geográfica, torna-se bastante improvável que África possa estar relacionada com ameaças relativamente à segurança nacional da China ou da sua periferia. No entanto, à medida que os interesses económicos da

¹¹ Sun, Yun (2014) "Africa in China's Foreign Policy" Brookings
<http://www.brookings.edu/research/papers/2014/04/10-africa-china-foreign-policy-sun>
[Acedido em 30 de Junho de 2015]

China, bem como as pessoas envolvidas, se começam a expandir por África, surge a questão da segurança dos investimentos e cidadãos chineses. Ainda que não existam dados conclusivos, estima-se que milhões de chineses habitem em África. Considerando a situação volátil tanto a nível estatal como o elevado número de criminalidade, existem vários tipos de crimes à atenção de Pequim, incluindo:

- Assaltos e raptos. São a ameaça mais frequente e danosa para com os cidadãos chineses em África.¹²
- Ataques a projectos económicos chineses, devido a disputas laborais e actividades ilegais por parte das empresas chineses.¹³
- Ataques a embarcações chinesas, por parte de piratas originários da Somália.¹⁴

No entanto, é devido a perturbações na política interna dos Estados africanos que surgem as maiores ameaças para cidadãos e investimentos chineses. A protecção dos cidadãos e projectos económicos chineses está directamente ligado ao governo chinês. O incumprimento destas obrigações resulta numa perda de prestígio interno e internacional do Partido Comunista Chinês. Um caso concreto é o da Libéria em 2003, quando um golpe miliar levou a que tenham sido evacuados 36 cidadãos chineses. Ainda que não tenham ocorrido baixas, na China ecoaram relatos de grandes perdas financeiras devido ao tumulto político.¹⁵ Mais recentemente, em 2011 na Líbia, a China foi forçada a mobilizar recursos de cariz

¹² Ver: <http://www.reuters.com/article/2012/02/07/us-china-sudan-workers-idUSTRE8160UU20120207>
<http://www.bbc.com/news/world-africa-20255072>

[Acedido em 30 de Junho de 2015]

¹³ Ver aqui: <http://www.theguardian.com/world/2013/jul/15/ghana-deports-chinese-goldminers>
<http://www.bbc.com/news/world-africa-19135435>

[Acedido em 30 de Junho de 2015]

¹⁴ Ver aqui: <http://www.theguardian.com/world/2009/oct/19/somali-pirates-hijack-chinese-ship>
[Acedido 30 de Junho de 2015]

¹⁵ Moumouni, Guillaume (2014) "China and Liberia: Engagement in a Post Conflict Country" Global Powers and Africa Programme

http://www.saiia.org.za/doc_download/509-china-and-liberia-engagement-in-a-post-conflict-country-2003-2013

[Acedido em 30 de Junho de 2015]

militar e diplomático, de maneira significativa. O objectivo era evacuar os cerca de 30 mil chineses residentes na Líbia. Ainda que a operação tenha sido um sucesso em termos de vidas humanas, estima-se que para além dos gastos estatais, os prejuízos das empresas tenham chegado aos 20 milhões de dólares, devido a contractos anteriormente celebrados com o Coronel Muammar Kadhafi, que devido à mudança de regime perderam a sua validade.^{16 17}

Deste modo, conclui-se que os interesses securitários da China em África se destinam principalmente a fins defensivos, assegurando a protecção dos seus cidadãos e interesses económicos. O insucesso na defesa dos interesses económicos fere os benefícios económicos que a China colhe em África, importantes para o seu crescimento interno. O insucesso na defesa dos cidadãos chineses coloca em xeque o prestígio e mesmo a legitimidade do governo chinês. As consequências são danosas em ambos os casos. Os investimentos e cidadãos chineses estão em risco em zonas menos desenvolvidas e politicamente instáveis. Pequim tem incumbido às embaixadas chinesas em África a tarefa de fornecer protecção consular a cidadãos e investimentos chineses. No entanto, o elevado número de cidadãos e empresas chinesas no terreno faz com que as embaixadas sejam pouco eficientes. Importa referir que o funcionamento das embaixadas está dependente da protecção dos governos locais, que é frequentemente mais simbólica do que substancial ou eficaz.

Para além de questões como a protecção consular a capacidade militar do governo chinês é limitada, por várias razões. A China segue o princípio de não destacar tropas para intervenções no estrangeiro, ainda que recentemente tenha

¹⁶ Ver aqui: http://news.xinhuanet.com/english2010/china/2011-03/03/c_13759456.htm
[Acedido em 30 de Junho de 2015]

¹⁷ Fei, Zhu (2011) “China’s Trouble with the Neighbors” Project Syndicate
<http://www.project-syndicate.org/commentary/china-s-trouble-with-the-neighbors>
[Acedido em 30 de Junho de 2015]

havido um recuo relativamente a esta norma.¹⁸ Porém, dada a natureza recente desta mudança, resta-nos analisar os últimos anos. Em termos de segurança, a China procura soluções para um problema de difícil resolução. A contratação de uma empresa de segurança ocidental não é considerada pelo governo chinês. As companhias de segurança locais são vistas como pouco fiáveis. Quanto às companhias de segurança chinesas, existem vários factores legais que impossibilitam a sua utilização, bem como a quebra do princípio de não interferência nos assuntos internos de outros Estados. As actividades de segurança levadas a cabo poderão entrar em conflito com as autoridades locais e a soberania do país anfitrião.¹⁹

Os eventos dos últimos anos alertaram Pequim para o facto de que a instabilidade das nações africanas é também um problema intrínseco da China. No passado, a China utilizou principalmente meios multilaterais, especialmente inseridos nas Nações Unidas. Com diversas missões de segurança, incluindo *peacekeeping*. Bem como esforços no combate aos piratas somali.²⁰

Dado a dificuldade em assegurar a segurança de cidadãos e interesses económicos chineses em África, a China tem demonstrado um interesse crescente em soluções bilaterais, em particular com a União Africana. Algo que demonstra duas conclusões da política chinesa para com a União Africana:

- A China vê a União Africana como uma potencial força de estabilização em África, de modo a proteger os interesses chineses.

¹⁸ Ver aqui: <http://www.theguardian.com/world/2014/dec/23/china-700-combat-troops-south-sudan-africa-battalion-un-peacekeeping>

[Acedido em 1 de Julho de 2015]

¹⁹ Erickson, Andrew (2012) "Enter China's Security Firms" The Diplomat:

<http://thediplomat.com/2012/02/enter-chinas-security-firms/>

[Acedido em 1 de Julho de 2015]

²⁰ Humphrey, Bill (2013) "Chinese Peacekeepers in Africa?" The Globalist

<http://www.theglobalist.com/chinese-peacekeepers-africa/>

[Acedido em 1 de Julho de 2015]

- A China está disposta a assistir a União Africana no combate e prevenção de ameaças securitárias em África.²¹

A recente mudança de posição da China face à intervenção em questões internas de outros Estados está, logicamente, intimamente ligada com a protecção dos cidadãos e interesses económicos da China em África, não só pelos factores económicos envolvidos, como pela legitimidade do Partido Comunista Chinês, um aspecto transversal a quase todos os aspectos da política externa da China.

4. Interesses Ideológicos da China em África

Os interesses ideológicos da China em África funcionam como uma síntese de questões já anteriormente abordadas. Historicamente, durante a Guerra Fria e após a reforma interna na China, a ideologia tem sido um factor determinante na política externa da China para com os países africanos. Durante a Guerra Fria, a narrativa andava em torno da China como líder do mundo em desenvolvimento, contra o capitalismo, o imperialismo e o revisionismo. O enfâse na ideologia originou no ambiente hostil exterior que forçou a China a procurar pólos diplomáticos favoráveis para evitar o seu isolamento. A política com base na ideologia resultou em apoios abundantes para vários países africanos, mesmo considerando os problemas económicos internos da China. Após 1979 e os primeiros anos de abertura chinesa, a ideologia deixou de ser um elemento marcante da política externa chinesa relativamente a África. A relação entre a China e África tornou-se mais pragmática. Essencialmente, a China procura desenvolver relações alargadas com todos os países africanos que apoiem a sua política de "One China". A natureza da política não discriminatória da China em África é motivada principalmente por interesses económicos e considerações políticas, como a

²¹ Ver aqui: <http://www.chinausfocus.com/foreign-policy/helping-africa-build-up-its-security-capacity-serves-global-interests/>
[Acedido em 2 de Julho de 2015]

garantia de apoiantes na agenda internacional, legitimidade e apoio para o governo chinês.

No entanto, considerando a dimensão e o sucesso do regime autoritário chinês, é inevitável que a política externa chinesa seja utilizada para atingir fins políticos no plano interno. A ausência de eleições livres na China leva a que a maior prioridade do PC Chinês seja estabelecer e preservar a sua legitimidade. Em termos domésticos, o PC Chinês prova a sua legitimidade ao reformar a China, ao melhorar as condições de vida dos chineses no geral, e com a abertura ao exterior. As questões democráticas são rejeitadas em prol de uma noção de estabilidade necessária ao fomento de mais desenvolvimento económico. Internacionalmente, o sucesso das medidas económicas e políticas do PC Chinês é visto como um excelente factor para a legitimação interna do partido.

No seguimento desta ideia, importa referir o "Modelo Chinês", ou o "Consenso de Pequim", como tendo um papel importante. A China usa o seu próprio modelo de desenvolvimento, combinando o autoritarismo político e o capitalismo, para provar a alguns países africanos que o desenvolvimento económico e a estabilidade política têm vantagem sobre a necessidade de um sistema democrático funcional.²² Da perspectiva chinesa, a popularidade do "Consenso de Pequim" é a maneira mais relevante de sublinhar a eficácia do sistema chinês. O modelo chinês aplicado em África é uma inegável fonte de *soft power* para a China. O mesmo modelo continua a estruturar a legitimidade interna do PC chinês em termos internos.

Neste sentido, os interesses ideológicos da China não desapareceram como resultado de uma mudança de prioridades, direccionada para o crescimento

²² Kurlantzick, Joshua (2013) "China's Model of Development and the Beijing Consensus" China US Focus

<http://www.chinausfocus.com/finance-economy/chinas-model-of-development-and-the-beijing-consensus/>

[Acedido em 2 de Julho de 2015]

económico. Em vez disso, a dimensão ideológica tornou-se mais subtil, apoiando a legitimidade de Pequim ao mesmo tempo que populariza o modelo de desenvolvimento chinês. A maior aderência de outros países à abordagem chinesa contribui para a redução do seu isolamento. Pequim tem interesse em ver Estados não-ocidentais e não-democráticos a crescer economicamente, pelo fim único de que ajuda a validar o sistema político chinês e mostrar que o sistema democrático ocidental não é um valor universal a ser aplicado em todos os países. Logo, o sucesso de Estados totalitários em África, seja o Sudão, o Zimbábue ou a República Democrática do Congo, é visto como uma forma de apoio para a legitimação do PCC.

Bibliografia

Lanteigne, Marc, 2009. *Chinese foreign policy, an introduction*. Londres: Routledge.

Webgrafia

2012. Africa Research Institute. [Online] Disponível em: <http://www.africaresearchinstitute.org/files/briefing-notes/docs/Between-extremes-China-and-Africa-P2E56236DQ.pdf> [Acedido em 28 de Junho de 2015].

BBC, 2012. *Chinese workers killed by gunmen in Nigeria*. [Online] Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-africa-20255072> [Acedido em 30 de Junho de 2015].

BBC, 2012. *Zambian miners kill Chinese manager during pay protest*. [Online] Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-africa-19135435> [Acedido em 30 de Junho de 2015].

Dews, Fred , 2014. *8 Facts About China's investments in Africa*, Brookings. [Online] Disponível em: <http://www.brookings.edu/blogs/brookings-now/posts/2014/05/8-facts-about-china-investment-in-africa> [Acedido em 28 de Junho de 2015].

Erickson, Andrew , 2012. *Enter China's Security Firms*, The Diplomat. [Online] Disponível em: <http://thediplomat.com/2012/02/enter-chinas-security-firms/> [Acedido em 1 de Julho de 2015].

Fei, Zhu , 2011. *China's Trouble with the Neighbors*, Project Syndicate. [Online] Disponível em: <http://www.project-syndicate.org/commentary/china-s-trouble-with-the-neighbors> [Acedido em 30 de Junho de 2015].

Guanqun, Wang, 2011. *35,860 Chinese evacuated from unrest-torn Libya*, Xinhua. [Online] Disponível em: http://news.xinhuanet.com/english2010/china/2011-03/03/c_13759456.htm [Acedido em 30 de Junho de 2015].

Hirsch, Afua, 2013. *Ghana deports Chinese gold miners*, The Guardian. [Online] Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2013/jul/15/ghana-deports-chinese-goldminers> [Acedido em 30 de Junho de 2015].

Humphrey, Bill, 2013. *Chinese Peacekeepers in Africa?*, The Globalist. [Online] Disponível em: <http://www.theglobalist.com/chinese-peacekeepers-africa/> [Acedido em 1 de Julho de 2015].

Kurlantzick, Joshua, 2013. *China's Model of Development and the Beijing Consensus*, China US Focus. [Online] Disponível em: <http://www.chinausfocus.com/finance-economy/chinas-model-of-development-and-the-beijing-consensus/> [Acedido em 2 de Julho de 2015].

McDonnell, Justin, 2013. *The New Scramble*, The European Magazine. [Online] Disponível em: <http://www.theeuropean-magazine.com/justin-mcdonnell/7726-chinese-influence-in-africa> [Acedido em 27 de Junho de 2015].

Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China, n.d.. *Premier Zhou Enlai's Three Tours of Asian and African countries*. [Online] Disponível em: http://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/ziliao_665539/3602_665543/3604_665547/t18001.shtml [Acedido em 26 de Junho de 2015].

Moumouni, Guillaume, 2014. *China and Liberia: Engagement in a Post Conflict Country*, Global Powers and Africa Programme. [Online] Disponível em: http://www.saiia.org.za/doc_download/509-china-and-liberia-engagement-in-a-post-conflict-country-2003-2013 [Acedido em 30 de Junho de 2015].

Nash, Paul, 2012. *China's Going Out Strategy*, Diplomatic Courier. [Online] Disponível em: <http://www.diplomaticcourier.com/news/regions/brics/181-china-s-going-out-strategy> [Acedido em 27 de Junho de 2015].

Rice, Xan, 2009. *19 Somali pirates hijack Chinese ship*, The Guardian. [Online] Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2009/oct/19/somali-pirates-hickjack-chinese-ship> [Acedido 30 de Junho de 2015].

Shinn, David H, 2011. *The Impact of China's Growing influence in Africa*, International Policy Digest. [Online] Disponível em: <http://www.internationalpolicydigest.org/2011/07/12/the-impact-of-chinas-growing-influence-in-africa/> [Acedido em 26 de Junho de 2015].

Sithara, Fernando, 2007. *Chronology of China-Africa Relations*, China Report. [Online] Disponível em: <http://www.kdu.ac.lk/departement-of-strategic-studies/images/publications/Chronology%20of%20China-Africa%20Relations.pdf> [Acedido em 28 Junho de 2015].

Smith, David, 2014. *China sends 700 combat troops to Sudan*, The Guardian. [Online] Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2014/dec/23/china-700-combat-troops-south-sudan-africa-battalion-un-peacekeeping> [Acedido em 1 de Julho de 2015].

Sun, Yun, 2014. *Africa in China's Foreign Policy*, Brookings. [Online] Disponível em: <http://www.brookings.edu/research/papers/2014/04/10-africa-china-foreign-policy-sun> [Acedido em 28 de Junho de 2015].

Ulf, Laessing, 2012. *Kidnapped Chinese workers freed in Sudan oil state*, Reuters. [Online] Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2012/02/07/us-china-sudan-workers-idUSTRE8160UU20120207> [Acedido em 30 de Junho de 2015].

Von Hein, Mattias , 2013. *Taiwan's Diplomatic Charm Offensive*, Deutsche Welle. [Online] Disponível em: <http://www.dw.de/taiwans-diplomatic-charm-offensive/a-17380254> [Acedido em 27 de Junho de 2015].

Wenping, He, 2015. *Helping Africa build up its security capacity builds global interests*, China/US Focus. [Online] Disponível em: <http://www.chinausfocus.com/foreign-policy/helping-africa-build-up-its-security-capacity-serves-global-interests/> [Acedido em 2 de Julho de 2015].